

Diácono São Vicente de Saragoça - Mártir



Nascimento no século III em Huesca, Hispânia Tarraconense(Huesca, Aragão, Espanha)

Morte em 304 em Valentia, Hispânia Tarraconense(Valência, Espanha)

Veneração por Igreja Católica; Comunhão Anglicana; Igreja Ortodoxa

Festa litúrgica 22 de janeiro na Igreja Católica

Atribuições vestes próprias de diácono; cachos de uva; instrumentos do martírio; palma do martírio

Padroeiro dos vinicultores

VIDA - São Vicente foi um dos mais ilustres mártires da Igreja Espanhola, em quem visivelmente se manifestou a força da graça de Jesus Cristo. Vicente deriva de *vincens*, "vitorioso". Alguns sustentam que foi Agostinho quem descreveu o martírio desse bem-aventurado, posto em belíssimos versos por Prudêncio. Era natural de Huesca de uma das mais distintas famílias do país. Os pais, Eutício e Enola, entregaram-no desde menino à direcção de Dom Valério, bispo de Saragoça, que o formou na piedade e o fez instruir-se na ciência da religião e nas letras humanas. Vicente aproveitou muito em pouco tempo, e por esta razão o santo Prelado o ordenou arqui-diácono da sua igreja, o que significava passar a se o seu colaborador mais próximo. O diácono Vicente desempenhou este encargo com dignidade e obteve excelentes resultados. Na administração da diocese conquistou a simpatia dos pobres e necessitados a quem socorria prontamente. Além desse cargo, o bispo, que não se sentia particularmente dotado para a palavra devido à sua avançada idade e devido ao facto de ser gago, atribuiu a Vicente a tarefa da pregação. E, como a sua palavra era muito eloquente, em palavras e em obras, não só ensinava e fortalecia os fiéis, mas também convertia à fé um grande número de pagãos. Vicente encarregou-se igualmente da liturgia.

MARTÍRIO - Pelos fins do ano 303, que foi o princípio da perseguição que os imperadores Diocleciano e Maximiano mo-veram na Espanha, Daciano, o Governador da Província de Tarragona, a cuja jurisdição pertenciam Saragoça e Valência, querendo assinalar o seu zelo e a atividade em fazer cumprir os decretos imperiais, mandou prender Dom Valério e o Diácono Vicente, ordenando que os conduzissem a Valência, carregados de cadeias. O Governador ordenou esta crueldade, na esperança de que as fadigas do caminho e os maus tratos, que ordenou se lhes dessem durante a jornada, os desalentariam, ficando ele deste modo com a glória de ter vencido os dois maiores heróis cristãos que então havia na Espanha. Ficou, porém, tomado de espanto quando os viu na sua presença, tão alegres e robustos como se nada tivessem padecido, apesar das diligências que se fizeram para os matar à fome em tão longa e penosa viagem. Disse então: "O que tendes a declarar, Valério, és nobre, circunstâncias que te fazem credor das honras que a generosidade dos Imperadores te quer fazer. És jovem, generoso, discreto, e podes esperar confiadamente todos os favores da fortuna, que se apresenta cumulada de graças e venturas. Vem, meu filho, sujeita-te às ordens dos Imperadores e não te exponhas, por uma insensata obstinação, com as peças do martírio a uma prematura e afrontosa morte". Como Valério respondeu recatadamente, Vicente disse-lhe: "Venerável Padre, não faleis com tanta timidez, sussurrando, mas soltai a voz com toda liberdade. Se quiserdes, santo padre, eu responderei ao juiz". Valério respondeu: "Há muito tempo, querido filho, que te confiei a tarefa de falar, e também agora peço que fales da fé que nos trás aqui". Então Vicente voltou-se para Daciano: "Até agora discursaste para combater a nossa fé, mas sabe que para os cristãos é uma blasfémia recusar-se a prestar à Divindade a homenagem que lhe é devida. Não julgues que as ameaças de morte nos amedrontam ou que as desprezíveis honras da vida podem mover-nos a faltar às nossas obrigações; já compreendeste que não há coisa tão estimável e deliciosa no mundo que possa aproximar-se da consolação e da honra que teremos em morrer por Jesus Cristo". Irritado, imediatamente Daciano decretou o exílio do bispo, e quanto a Vicente, considerando-o um jovem arrogante e presunçoso, condenou-o ao cavalete, no qual teria todos os seus

membros deslocados, a fim de que este castigo servisse de exemplo a outros. Quando o corpo estava todo desconjuntado, Daciano perguntou-lhe: "Que tal está agora o teu miserável corpo, Vicente?". Este, sorrindo, respondeu: "Como sempre desejei". Irado, o juiz ameaçou-o com todo tipo de tormentos se não renegasse suas ideias. Vicente então lhe disse: "Ó como estou feliz! Ao fazer o que pensa que me fere, fizeste-me o maior benefício. Anda, miserável, lança mão de todos os recursos maldosos e verás que quando sou torturado tenho, com a ajuda de Deus, mais força do que quem me tortura". Descontrolado, o juiz pôs-se a gritar e a chicotear os carrascos, levando Vicente a ironizar: "Então, Daciano, agora castigas aqueles que me torturam?". Fora de si, o juiz repreendeu os carrascos: "Miseráveis, vocês não fazem nada? As vossas mãos estão cansadas? Vocês venceram adúlteros e parricidas de forma tal que eles não foram capazes de esconder nada diante dos suplícios, e hoje, sozinho, Vicente pode superar as torturas que vocês lhe infligem". Os carrascos enfiaram-lhe então pentes de ferro até o fundo das costelas, de maneira que o sangue jorrava de todo corpo, e viam-se as entranhas entre as juntas dos ossos. Daciano: "Tem piedade de ti mesmo, e poderás recobrar a beleza da juventude e escapar dos tormentos que te esperam". Vicente: "Ó língua venenosa do diabo! Não tenho medo de teus tormentos. Só há uma coisa que temo: que te apiedes de mim, porque quanto mais te vejo irritado, mais fico alegre. Não diminuas esses suplícios, pois quero ver reconhecer-se vencido". Ele foi então tirado do cavalete e levado a um braseiro ardente, enquanto alegremente estimulava os carrascos. Por conta própria ele subiu na grelha, onde foi assado, queimado e consumido. Eram chagas em cima de chagas. Jogavam sal no fogo para que a chama crepitante o queimasse ainda mais cruelmente. Apesar disso, ele permanecia imóvel, os olhos voltados para o Céu, orando ao Senhor. Quando os carrascos relataram tudo isso a Daciano, este falou: "Vocês foram vencidos, mas como ele ainda vive, vamos prolongar o sofrimento. Tranquem-no na mais horrenda masmorra, coloquem no chão cacos bem pontudos, preguem seus pés numa estaca, deixem-no deitado nesses cacos sem ninguém para consolá-lo, e quando ele morrer avisem-me". Imediatamente os cruéis servidores obedeceram a seu amo, ainda mais cruel. Mas o Senhor a tudo providenciou. Uma luz celestial veio dissipar as trevas da prisão e, ao mesmo tempo, derramou-se na alma daquele herói uma divina doçura, uma consolação deliciosa que o encheu de alegria. Desde logo ficou o santo restituído à antiga robustez. O seu corpo exalava um cheiro suavíssimo, que enchia de fragrância a masmorra. Muitos anjos desceram a fazer-lhe companhia, e com ele cantavam hinos de louvor ao Altíssimo. A prisão converteu-se num paraíso de delícias. A fragrância, os cânticos e o resplendor encheram os guardas de admiração. As pontas dos cacos tornaram-se flores de suave perfume, seus pés foram soltos, anjos passaram a consolá-lo. Ele passeava sobre as flores cantando com os anjos doces melodias, enquanto as flores espalhavam um maravilhoso odor. Vendo através de frestas na parede o que acontecia lá dentro, os carcereiros converteram-se. O seu espanto, porém, subiu ao máximo quando viram o santo perfeitamente curado, sem o mais leve indício dos tormentos. Como resultado, o carcereiro abraçou imediatamente a fé cristã. Ouvindo Daciano o que se passava, tomou uma resolução bem estranha. Ou fosse por despeito ou por desespero, ordenou que tirassem o santo da enxovia, o recostassem no leito mais brando e flácido que pudessem encontrar e que se cuidasse dele com todo o carinho, dando-lhe todos os alívios possíveis. Porém, mal o colocaram sobre o leito que estava preparado, como se este fosse o maior dos seus tormentos, o herói exalou o último suspiro e a sua cândida alma voou para o Céu a receber a coroa e o prêmio das suas vitórias. Sucedeu isto no ano 304.

S. VICENTE E O CORVO – A história dos corvos de S. Vicente começa com a morte do santo.

Para a contar, sigo de perto a «Chronica do muito alto e esclarecido príncipe D. Affonso Anriques, primeiro Rey de Portugal», de Duarte Galvão (1435-1517). Tendo vencido Daciano no martírio, este ficou furioso. “ «Se não o venci em vida, morto o vencerei e des-farei», e mandou que o seu corpo fosse deitado num campo, à mercê dos animais selvagens. Então, por ordem de Daciano, seu corpo foi exposto num nular pantanoso, para servir de pasto aos pássaros e animais selvagens. No entanto, logo ele passou a ser guardado pelos anjos, e mesmo por dois corvos, aves vorazes por natureza, que expulsaram a golpes de asas outros pássaros mais fortes que eles, e com suas bicadas e gritos puseram em fuga um lobo que se aproximava. A cada vez que assim faziam, os pássaros viravam a cabeça para olhar fixamente o santo corpo, como se juntassem a sua admiração à dos anjos. Quando soube disso, Daciano reconheceu: "Acho que não o vencerei nem mesmo depois da sua morte". Mandou então amarrar no santo corpo uma mó e jogou-o no mar, para que, não tendo sido devorado na terra pelos animais, pelo menos fosse devorado pelos peixes. E além disso, queria-o subtrair por este modo à devoção dos fiéis. Porém, o Senhor que sabe zombar de todos os artifícios da prudência humana, fez que, ao tocar na água, a corda que segurava a mó se partisse e o corpo de S. Vicente, mais rápido do que os marinheiros que o tinham levado, fosse arrastado pelo mar e retornasse à praia, onde foi encontrado por uma senhora e alguns outros cristãos que o sepultaram cristãmente em segredo, fora dos muros da cidade de Valência, no mesmo lugar em que hoje é venerado na actual basílica, seguindo-se depois vários milagres não especificados. Santo Agostinho disse deste mártir: "O bem -aventurado Vicente venceu em palavras, venceu em sofrimentos, venceu em seu testemunho, venceu em sua tribulação. Venceu queimado, venceu afogado, venceu vivo, venceu morto". E acrescentou: "Vicente foi torturado para se exercitar, flagelado para se instruir, espancado para ser fortalecido, queimado para ser purificado". Santo Ambrósio expressou-se sobre ele nestes termos: "Vicente foi torturado, espancado, flagelado, queimado, mas não vencido e sua coragem de confessar o nome de Deus não foi abalada. O fogo de seu zelo foi mais ardente do que ferro em brasa; nele prevaleceu o temor a Deus sobre o temor ao mundo; ele preferiu agradar a Deus do que ao público; preferiu morrer para o mundo a morrer para o Senhor". Santo Agostinho escreveu: "Um maravilhoso espectáculo está diante de nossos olhos; um juiz iníquo, um carrasco sanguinário, um mártir que não foi vencido, um combate da crueldade contra a piedade". Também o poeta Prudêncio, que brilhou sob o reinado de Teodoro, o Velho, em 387, popularizou a paixão de S. Vicente nos 575 versos do "Peristhephanon". Ele afirma que Vicente respondeu assim a Daciano: "Tormentos, prisões, garfos, lâminas crepitantes de fogo e, enfim, a morte, que é a última das penas, tudo isso é brincadeira para os cristãos". Então Daciano teria replicado: "Amarrai-o, torcei-lhe os braços até que as juntas de seus ossos sejam deslocadas peça por peça, a fim de que, pelas aberturas das feridas, veja-se seu fígado palpitando". E o soldado de Deus ria, deliciando-se com as mãos ensanguentadas, que não conseguiam enfiar mas fundo em suas articulações os garfos de ferro. Na prisão, um anjo estimulava-o, falando: "Coragem, ilustre mártir, vem sem medo, vem ser nosso companheiro na Assembleia Celeste. Ó soldado invencível, mais forte que os mais fortes, esses tormentos cruéis e pavorosos o temem e proclamam-no vencedor!". Prudêncio exclamou: "És ilustre por excelência, pois obtiveste a palma de uma dupla vitória, de dois triunfos ao mesmo tempo".

CULTO - O culto de S. Vicente espalhou-se então pela Europa, a partir do século V, e muitas cidades da Europa, como Cremona (norte de Itália), Paris, Bruxelas, Praga, entre outras, disputaram o seu corpo. O

rei franco Childeberto I (rei de 511 a 558) levou em 542 para Paris a estola e a dalmática do santo, construindo uma basílica em sua honra. Na península Ibérica havia um templo em Braga já em 618 d.C. e aparentemente ganhou especial devoção durante a ocupação muçulmana, por parte das populações moçárabes. Passados 4 séculos, em 31 de Julho de 711, o rei dos Visigodos, Rodrigo, perde a batalha de Guadalete frente ao exército muçulmano. Voltando à crónica, relata esta que, nos anos seguintes, à conquista da Península Ibérica, os muçulmanos ordenam ou a destruição das igrejas cristãs ou a sua conversão em mesquitas. Quando em finais do século Abderramão I conquista Valência, os cristãos da cidade, que guardavam a sepultura de S. Vicente, fugiram com as relíquias do santo, com o objectivo de as pôr a salvo. As Astúrias eram a única região que, em toda a Península, tinha escapado à invasão muçulmana. Com intenção de lá chegarem por barco, fazem-se ao mar levando consigo o corpo do santo. Cruzam o Mediterrâneo sem perigo, mas quando chegam ao Atlântico o mar está mais turbulento e são forçados a aproximar-se da costa. Perguntam então ao mestre da embarcação que terra é aquela, tão bela, e aquele cabo que avistam. O mestre responde-lhes que a terra se chamava Algarve e que o cabo se chamava "Promontório Sacro". Foi então que os cristãos de Valência consideraram a hipótese de desembarcar, construir um templo em memória de S. Vicente e dar o nome do santo ao cabo mais ocidental, junto ao promontório de Sagres, que passou assim a chamar-se cabo de S. Vicente. Mas enquanto estavam nestas considerações, o barco encalhou, o que os forçou a passar ali a noite. Na manhã seguinte, quando se preparavam para retomar viagem, avistaram um navio pirata. O mestre da embarcação propôs-lhes afastar-se com o navio para evitar a abordagem dos corsários, enquanto os cristãos se escondiam na praia com a sua relíquia. Depois viria buscá-los. Mas o barco nunca mais voltou. Mesmo à beira da escarpa ficam as ruínas de uma capela que foi dedicada a Santa Catarina e, do lado oposto, outras ruínas, as da antiquíssima Igreja do Corvo, que os cristãos construíram em honra de S. Vicente, e onde teriam sido depositados os restos mortais do santo. Aí formaram uma pequena aldeia à sua volta, isolados naquele lugar ermo. Já em meados do século XII, Muhammad al-Idrisi e Abu Hamid al-Andalusi referem-se-lhe detalhadamente num "promontório que se mete pelo Mar", "sobre a costa do mar das Trevas", opinando o primeiro autor que a sua construção havia sido já anterior à dominação islâmica. Tal afirma a crónica, afirmando que os cristãos que fugiram de Valência com os restos mortais do santo «aprouve a N. Senhor de os guiar àquele cabo chamado agora de S. Vicente para o seu corpo ali ser enterrado e escondido, ficando aqueles homens bons continuamente com ele, até que ali chegou um cavaleiro mouro a que chamavam Albofacem, natural do reino de Fez e que morava naquela terra dos Algarves, e encontrando os homens guardando o corpo os matou, deixando o corpo.»

Ainda no século XII, o célebre geógrafo Edrici situa no local uma "igreja do corvo", onde "sobre a cumeeira do edifício estão dez corvos: ninguém sabe porque estão ali, nuna ninguém pôde verificar a sua falta".

No século XII, no período que medeia entre a conquista de Leiria aos mouros em 1135 e a conquista de Lisboa em 1147, D. Afonso Henriques (rei de 1128 a 1185) tenta trazer as relíquias do santo para Braga ou Coimbra, mas não as consegue encontrar. Quando conquistou Lisboa em 1147 mandou construir o mosteiro de S. Vicente de Fora.

Em 1173, depois de estabilizada a fronteira na linha do rio Tejo, D. Afonso Henriques enviou uns homens numa barca ao Algarve, ainda território inimigo, resgatar as relíquias do santo. Mas esta tentativa para encontrar as relíquias foi mais frutífera pois foi facilitada pela informação de dois moçárabes residentes em Lisboa, que sabiam a localização exacta da sepultura do mártir. Os portugueses, aproveitando umas tréguas entre o rei português e os mouros, «fizeram uma barca e foram-se lá sem nenhum impedimento,

desembarcaram e postos em oração pediram muito devotamente a Deus que lhes mostrasse onde jazia o corpo daquele glorioso mártir ". Foi então que avistaram um bando de corvos que sobrevoavam um certo lugar que escavaram e encontraram o sepulcro de S. Vicente, escondido na rocha. Trouxeram o corpo de S. Vicente de barco e voltaram para Lisboa sem qualquer sobressalto visto que o próprio mar se acalmava à sua passagem. "Certamente não se há-de considerar que aconteceu sem intervenção divina o facto de o mar, que na zona sempre se apresenta encapelado, com vagas e ventania, nessa altura se ter mantido calmo e tranquilo para regressarem, como se nunca tivesse estado exposto à agitação habitual". Outro milagre foi protagonizado por um homem que roubou parte de uma relíquia e foi castigado, com a perda da visão. Durante toda a viagem, tal como no antigo pântano, dois corvos guardaram o corpo do santo, colocando-se à popa e outro à proa cuja imagem figurava até há pouco no logotipo da cidade de Lisboa em testemunho desta história extraordinária. Lá continua, embora estilizada, a antiga viagem vicentina com a nau e os corvos. Chegado o féretro a Lisboa, na noite de 15 para 16 de Setembro desse mesmo ano de 1173, «ElRey D. Affonso Anriques chorou com prazer, louvando muito ao Senhor Deos», ordenando que o sepultassem na igreja de Santa Justa, situada na Rua da Madalena, e que hoje já não existe. No dia seguinte, 16 de Setembro, ao romper da manhã, a ocorrência de tal facto tornou-se conhecida dos cidadãos, acorrendo lisboetas. Aqueles sustentam, em modos violentos, que o corpo do santo deve ser levado para um mosteiro de uns religiosos situados fora da cidade e aí deposto, os outros, mais ponderadamente, contrapõem que ele deve ser levado para a catedral. É então que, por seu lado, Gonçalo Egas, a quem D. Afonso Henriques pusera à frente do exército da Estremadura, dá ordem para se pôr termo às ameaças e discussões e esperar-se pela decisão do rei sobre tal assunto, acorrendo lisboetas uns armados outros desarmados essas relíquias foram trazidas em solene procissão para a Sé, onde estão depositadas e confiadas à guarda do Cabido desse essa data. Por fim, o deão da igreja matriz, Roberto de seu nome, reúne os cônegos seus confrades e alguma outra gente de armas. Prudentemente, para que a movimentação popular não degenerasse em tumulto, tomada uma e outra medida vão ter com Múnio, reitor da igreja de Santa Justa, onde o corpo do santo fora depositado inicialmente. Delibera-se então transferi-lo para a catedral. Sabedor de tal facto, D. Afonso Henriques manda buscar ao cabo de S. Vicente tudo o que, por descuido, lá tivesse sido deixado. Assim se faz e traz-se para Lisboa não só as cinzas do santo, mas também tábuas do túmulo e parte do crânio que se junta às demais relíquias no meio de grande veneração dos habitantes de Lisboa. Também em Lisboa foram vistos durante muito tempo dois luzidios corvos a esvoaçar na Sé e a pousar constantemente na urna do santo. Aquelas aves passaram a ser conhecidas como vicentes.

Na Chronica de D. Affonso Anriques:

*"Como o Corpo de S. Vicente foi achado por uns devotos homens que o foram buscar
Já antes desto, em seu lugar contamos como El-Rei D. Affonso Anriques foi por si com grande cuidado, e devação, buscar o Corpo de S. Vicente, e não o pôde achar havendo já vinte e seis annos que a Cidade de Lisboa era em poder de Christãos, tomada a Mouros, fez El-Rei Albojaque treguas, com El-Rei D. Affonso Anriques por cinco annos, as quaes foram feitas quatro dias do mez de Maio era do Senhor de mil cento e setenta e trez annos, (1173) então, certos homens de Lisboa, com grande devação, vendo que já podiam ir seguros áquelle lugar onde o Corpo de Vicente jazia, fizeram prestes uma barca, com todo o que lhes fazia mister, e foram-se lá sem nhum impedimento, nem defículdade, chegaram, e desembarcaram no mesmo lugar, onde postos em oração, mui devotamente a Deos pediam que lhes mostrasse onde jazia o Corpo daquelle glorioso Martyr; a poz esto começaram a cavar, e aprouve a Nosso Senhor que o acharam, e dando-lhe muitas graças e louvores, o tomaram com muito prazer, e devação,*

e puzeram-no dentro na barca, e logo Deos alli mostrou por elle um grande milagre, que um dos que iam na barca, em desenterrando aquelle santo Corpo, furtou um dos ossos, e tanto que o tomou, cegou logo de todo, pelo qual cortado de medo, e arrependimento tornou a poello donde o tomara, e neste ponto lhe foi restituída toda sua vista, e foi são como dantes, e tambem se deve attribuir aos grandes merecimentos deste Santo Martyr, que sendo sempre o mar alli alevantado, e perigoso, e reçaça muito grande, foi visto tão chão e manço fóra do acostumado ao embarcar do seu Corpo, como se fôra em qualquer outro lugar, onde nunca houvesse, nem podesse fazer ondas, e assi tornaram com muito prazer a salvamento. Como o Corpo de S. Vicente foi posto na Sé de Lisboa Elles chegados ao porto da Cidade de Lisboa, não quizeram logo tirar fóra o Corpo do glorioso Martyr, com receo de lho tomarem por força, e aguardando a noite levaram-no escondidamente á Igreja de Santa Justa, o qual sendo logo sabido ao outro dia pela manhã, segundo Deos não quer sua gloria escondida, toda a Cidade corria para alli, e uns diziam que era bem de o poerem em S. Vicente de Fóra, e outros, que mais rezão era estar na Sé, e neste debate D. Gonçalo Viegas Adiantado mór de Cavallaria del-Rei, que era presente, vendo quão errada cousa era, arguir-se mal e arroído sobre cousa tão santa e devota, que mais com rezão deviam tolhe-lo, fez cessar o alvoroço da gente, e que esperassem até que o El-Rei soubesse, e mandasse o que sua mercê fosse nesso. D. Roberto Daião da Sé homem onesto, e de boa vida, foi o mais onesta e escuzamente que pode a D. Moniz Prior da Igreja de Santa Justa, e rogou-lhe mui afincadamente, que por honrar, e obrigar a Sé, que era a principal e mais dina Igreja da Cidade em que aquelle Santo Corpo mais honradamente, que em outra parte podia estar, lho quizesse dar, e a elle aprouve dar lho, e então os da Sé, com toda outra Clerezia mui ledos, foram por elle, e o levaram mui honradamente em procissão, acompanhado de toda a gente da Cidade dando todos muitas graças, e louvores a N. Senhor, e assi foi trazido, e posto na Sé, onde ora jaz. Os Conegos de S. Vicente vieram logo hi a pedir que lhe dessem das Reliquias daquelle santo Corpo, mas não lhe foram dadas.

Quando El-Rei D. Affonso Anriques soube esto, segundo era devoto, chorou com prazer, louvando muito ao Senhor Deos, por querer em seus dias honrar seu Reino com tão preciosas Reliquias, mandando outra vez áquelle lugar donde o Corpo fora trazido, que vissem, e catassem bem, se ficara ainda lá alguma cousa delle. Foram lá, e feita toda diligencia, acharam ainda um pedaço do testo da cabeça, e pedaços pequenos desatandados do Ataude, o que todo trazido sem nada ficar, pozeram com o Corpo. E conta a Estoria, que depois que este santo Corpo alli foi na Sé, o Corvo o qual, segundo já disse-mos, que foi visto guarda-lo quando foi deitado ás aves, e animalias veio sempre na barca com elle, e o acompanhou, e depois de posto na Sé, o viram muitas vezes sobre o seu Moimento, como quem o não queria desemparrar, e outras oras se punha sobre o Altar mór, e assi andava voando pela Igreja, e aconteceo, que um moço chamado Joane, que servia na Igreja deu com uma pedra a este Corvo, e foi cousa milagrosa, que logo a essa hora foi tolheito, de todos seus membros, e então seu pai do moço quando vio tamanho pezar ao moço seu filho, lançou-se em oração de noite muito devotamente ante o Corpo de S. Vicente, e foi logo o moço são de todo, como dantes era; e da li nunca mais ninguem ouzou de fazer nojo áquelle Corvo, o qual foi hi visto por muitos tempos. El-Rei mandou escrever o dia, e era em que o Corpo deste glorioso Martyr veio a Lisboa, e foi aos quinze dias do mez de Setembro da sobredita era de mil e cento e setenta e tres annos (1173)."

Do mesmo modo, o cabido da Sé, que tinha à sua guarda, juntamente com o mosteiro de São Vicente de Fora, as relíquias vicentinas, incorpora os atributos do santo na sua heráldica, como mostra o selo do cônego Egas Lourenço Magro em 1304. Estas imagens permitem concluir que, em Portugal, o barco e os corvos se identificam desde cedo com S. Vicente e com Lisboa. Ambos os elementos passaram à arte sacra. A tradição francesa dará também origem à curiosa figura de São Vicente com um cacho de uvas na mão, onde este santo é padroeiro dos vinhateiros porque a sua festa, a 22 de Janeiro, cai nos últimos dias do ano em que a geada pode ser fatal para as vinhas. Tais andanças marítimas e a eterna companhia dos

corvos, a juntar ao antigo milagre da flutuação do corpo depois de lançado às águas, estarão na origem da iconografia nacional. São Vicente torna-se um santo especialmente popular entre os marinheiros e os pescadores de Lisboa, além de padroeiro do concelho e da diocese. Na época dos descobrimentos recorria-se ao calendário religioso para baptizar o que se ia descobrindo. Por isso, sabendo que Diogo Afonso descobriu a ilha de S. Vicente, em Cabo Verde, em 1462, não é difícil deduzir em que dia foi. O mesmo aconteceu com Gaspar Lemos, aportado a S. Vicente, no Brasil, em 22 de Janeiro de 1502.